

DIASPORA MISSIOLOGY: THEORY, METHODOLOGY AND PRACTICE

Enoch Wan

Portland (USA), Institute of Diaspora Studies, 2011, 362 p.

O campo dos estudos em torno da mobilidade humana se alarga cada vez mais, e se redimensiona na mesma medida em que novas realidades surgem no horizonte de experiências que ela proporciona. Como exemplo disso, temos o aparecimento deste livro entre os estudos sociorreligiosos e teológicos, que busca introduzir uma nova disciplina no ramo da missiologia, ou da teoria e prática da missão cristã: a missiologia da diáspora. Seu autor e organizador, Enoch Wan, é remanescente ele próprio da nova realidade social, religiosa e acadêmica, engendrada pela diáspora contemporânea. Oriundo da grande diáspora chinesa, sua família aderiu ao protestantismo ainda em sua região de origem, na China. Com ela migrou aos Estados Unidos, onde se tornou professor de estudos interculturais e liderança da *Evangelical Missiological Society*. Em sua atuação religiosa e acadêmica foi articulando grupos de estudos missiológicos entre América do Norte e Ásia. Foi no âmbito desses grupos, com membros de diferentes confissões protestantes e o mesmo perfil social e religioso, na primeira década deste século, que teve uma participação ativa na gestação de uma nova forma de pensar a missiologia cristã, a *Diapora Missiology*. O itinerário

desta proposta de reflexão, sua articulação e principais eventos, pode ser acompanhado numa busca pela internet (cf. <<http://www.globaldiaspora.org/>>). Como um dos resultados desse processo, este livro organizado por Enoch Wan reúne autores de diferentes origens nacionais e étnicas, e que se integram nesse processo de reflexão. Eles expressam a preocupação comum de como evangelizar em meio a povos desenraizados em diáspora, compartilhando práticas missionárias que se desenvolvem nesse sentido.

Assim, esta publicação visa, sobretudo, expor a proposta de maneira didática, ao mesmo tempo defendendo-a, explicitando-a no que seria um currículo de curso, mas também avançando conteúdos teóricos e práticos. Nas páginas iniciais, os objetivos estão delineados de forma bem sucinta: de um lado, trazer elementos para mostrar como a missiologia da diáspora difere da missiologia tradicional e, de outro, preparar o caminho para futuras práticas missionárias (e de reflexão missiológica) num mundo de fronteiras porosas e em constante mobilidade. Neste sentido, se propõe a uma tarefa de estudo interdisciplinar, interagindo com as ciências sociais, os estudos culturais, os estudos bíblicos e teológicos. O pano de fundo é a realidade atual da mobilidade humana em grande escala, com suas surpreendentes consequências, entre elas o deslocamento do centro de gravidade do mundo cristão, ensejando a formação de um novo perfil de missionário cristão. Nesta perspectiva, procura dar mais precisão ao seu foco de análise: retificar deficiências devidas aos estereótipos de um modelo ultrapassado de missiologia, articulando o ministério cristão a partir da realidade da diáspora atual. Para tanto, ao examinar como vêm se propondo as missões cristãs no mundo diaspórico, avança três eixos de reflexão e prática missionária: missão para a diáspora (grupos de migrantes); missão por meio da diáspora (redes dos migrantes); missão para além da diáspora (contexto e enlances intergrupais e interculturais).

A partir deste pressuposto, o livro se organiza em três grandes partes: teoria, metodologia e prática. Quanto à teoria da *Diapora Missiology*, esta parte se organiza em cinco capítulos. Os capítulos 2 e 3 se detêm propriamente numa breve descrição do fenômeno da mobilidade

humana e as particularidades do que se costuma chamar de “diáspora”. Destacam-se aqui as tarefas que o novo contexto da mobilidade humana impõe às Igrejas: a partilha da incumbência da missão com os crentes na diáspora; equipá-los e mobilizá-los; o cuidado pastoral dos que “ficam”; a partilha da responsabilidade com outras organizações que se interessam pelas pessoas e grupos em mobilidade; nutrir o sentido da fé da diáspora para sensibilizar os países que recebem os migrantes e suas igrejas. A abordagem desta nova realidade, inusitada na história da humanidade, é aprofundada pela recuperação de intuições que apareceram em estudos recentes que tratam da redefinição das identidades sociais e religiosas no contexto da diáspora, sua fluidez e sua perspectiva transnacional. Na verdade, a categoria “diáspora” tem se tornado uma categoria chave em ciências sociais, para o entendimento e análise crítica do momento atual da humanidade.

Nos capítulos subsequentes (4 a 6), os autores estudam a questão da diáspora na Bíblia. O capítulo 4 faz um estudo exploratório sobre a terminologia a respeito da diáspora no texto bíblico, e as diferentes realidades que os termos originais designam. Tal estudo ajuda a situar não só a experiência da diáspora do povo hebreu e das primeiras comunidades cristãs, mas também como a consciência de sua realidade foi evoluindo ao longo dos séculos. Percebe-se como existe toda uma história de migrações forçadas que subjaz à fé de Israel, como experiência comum de humilhação e dor, ensejando o que seria uma primeira consciência de missão, como testemunho do Deus de Israel em meio às nações, e que viria adquirir um caráter de preparação ao advento do messias e expansão do cristianismo. O capítulo 5 trata dos aspectos distintivos da diáspora judia no Antigo Testamento. Da análise de duas experiências seminais (a dispersão dos hebreus na época dos Patriarcas e o cativeiro no Egito; a dispersão na Babilônia e na Pérsia), emergem traços diaspóricos fundamentais, seja da constituição do Povo de Israel, seja de sua formação judaica ao se espalhar por todo mundo antigo. O capítulo 6 volta-se para a diáspora e deslocamento que estiveram nas origens do cristianismo primitivo,

como impulso movido pelo testemunho de fé dos primeiros cristãos. Aqui se destacam principalmente os elementos apresentados pelos Atos dos Apóstolos e pelas Epístolas de Paulo. Ressaltam-se quatro aspectos: os cristãos dispersos tornam-se os principais portadores do evangelho; a realocação junto aos não-cristãos torna a estes mais próximos do evangelho; as comunidades da diáspora tornam-se a principal porta de acesso ao evangelho; o impacto da experiência da diáspora na preparação dos primeiros missionários cristãos.

A parte seguinte do livro, que traz alguns apontamentos sobre a metodologia a ser desenvolvida por uma missiologia da diáspora, é a menor das três. O que caracterizaria a sua metodologia seria a abordagem interdisciplinar, que daria os aportes e as perspectivas que contribuiriam para a missiologia alcançar o entendimento do complexo fenômeno da diáspora atual e seus impactos na missão cristã. O capítulo 7 tenta delinear um paradigma diferente para o entendimento da tarefa missiológica, a partir da tradição da missiologia protestante. Neste sentido, procura fazer uma comparação entre os paradigmas da missiologia tradicional e o de uma possível missiologia da diáspora, servindo-se de vários quadros que procuram distinguir o “foco”, a “conceituação”, as “perspectivas” e os “paradigmas” de ambas as propostas. No capítulo 8, que trata da “metodologia interdisciplinar em missiologia da diáspora”, procura-se definir o “quê” e o “como” de seu desenvolvimento teórico e prático. Neste sentido, aponta para três vantagens desta metodologia interdisciplinar: a sinergia disciplinar, numa integração a partir de um macroparadigma de pesquisa; o enriquecimento mútuo entre as diversas disciplinas, aguçando o foco da pesquisa; e o avanço num conhecimento mais completo, diante de uma realidade marcada pela complexidade, dispersão e a fragmentação de seus elementos. Uma aproximação “sinfônica” de diferentes perspectivas de análise permitiria adquirir uma validação mais completa e abordar temas relevantes para a missão junto aos migrantes, como a globalização, a urbanização, os conflitos étnicos e de raça, o multiculturalismo, o diálogo religioso. Os resultados destes estudos poderiam contribuir no diálogo

e entendimento missiológico adquirido na prática missionária, dando as bases para um planejamento do ministério pastoral e das melhores estratégias missionárias.

A última parte, e mais longa, é dedicada à prática missionária junto aos grupos que se constituíram na experiência diaspórica atual. Nesta parte do livro, os quatro primeiros capítulos (9 a 12) procuram apresentar os parâmetros da abordagem a ser realizada sobre os casos de missão da diáspora expostos na sequência. O capítulo 9 procura traçar um painel, numa visão diacrônica, das missões cristãs entre os grupos diaspóricos. Partindo de considerações sobre a história bíblica, passa a descrever como esta perspectiva se dá ao longo da história do cristianismo, sob o ponto de vista das igrejas protestantes. No capítulo 10, existe uma contextualização atual da missão, contrapondo a realidade demográfica atual para sinalizar os impactos da mobilidade humana sobre a estratégia das missões da diáspora. Para tanto, vários quadros procuram visualizar as relações entre seus diversos elementos. O capítulo 11 se detém na proposta do “paradigma relacional”, que seria o mais adequado para as missões da diáspora no século XXI. Diante da crise do ministério cristão no Ocidente (dispersão e mobilidade nos centros urbanos, crise da família, prevalência do relacionamento virtual, pragmatismo gerencial, cultos mediáticos, teologia da prosperidade), aponta para oito razões que justificam este paradigma alternativo, e que se fundamentam, sobretudo, na carência de padrões de relacionamento mais livres, afetivos, sólidos, num mundo multicultural. A proposição de um quadro ilustrativo procura esclarecer comparativamente e de forma crítica essas propostas de paradigma: o realismo crítico frente o realismo relacional. No capítulo 12, por fim, são apresentadas as linhas gerais do que seria um gerenciamento e parceria estratégica da missão, ou uma orientação sobre como conduzir a missão no contexto do mundo pós-colonial.

Na sequência desta parte do livro, temos oito capítulos com oito casos ilustrativos sobre como concretamente se apresenta a missão na diáspora: diáspora atual dos judeus (c. 13); cristãos chineses na diáspora (c. 14);

missão entre muçulmanos urbanos no Ocidente (c. 15); diáspora ganense (c. 16); perfil da diáspora vietnamita (c. 17); a diáspora hispânica nos Estados Unidos (c. 18); uma reflexão a partir da inserção de refugiados asiáticos em Chicago (c. 19); missão com diferentes grupos de migrantes em Minnesota (c. 20). A base dessas missões se reporta à sua presença nos Estados Unidos, mas se referem também ao percurso histórico desses casos de diáspora, o que inclui seus países de origem e outras regiões do mundo que serviram de lugares de passagem. Estes casos trazem percursos originais de como vem sendo desenvolvida esta prática missionária entre migrantes e refugiados, no âmbito do evangelismo atual. De um lado, existe uma grande diversidade de situações ligada ao contexto de formação de cada comunidade étnica, para além dos problemas de adaptação próprios dos migrantes no Ocidente, mas, por outro lado, percebe-se uma variação de olhares para as práticas, estratégias e finalidades da missão em todos esses casos concretos. Na maioria deles, com mais ou menos intensidade, predomina uma prática predominantemente proselitista, de exposição de estratégias de convencimento da verdade cristã, considerando a realidade da globalização e da diáspora atual como um fato da Providência Divina, a fim de conduzir os povos de todo mundo à fé cristã. Se, nesta perspectiva, existe uma consciência aberta no sentido de relativizar as identidades estritas de cada confissão cristã, num evangelismo sem referenciais institucionais fixos e rígidos, e por isso se propõe uma estratégia missionária cristã mais acolhedora aos migrantes, por outro lado, não existe qualquer referência às práticas missionárias da Igreja Católica junto aos migrantes e suas comunidades (e elas existem), como também aos estudos referentes a uma teologia das migrações católica (referimo-nos a teólogos como Peter Phan, ou àqueles que formam toda uma escola de pensamento teológico a partir da realidade dos hispano-americanos nos Estados Unidos, caso de Orlando Espín, Virgílio Elizondo, Daniel Groody, entre outros), ensejando um diálogo missionário e ecumênico nesse sentido. Aliás, a referência ao ecumenismo é quase inexistente na publicação.

No entanto, é preciso ressaltar a imensa riqueza de informações e experiências que a apresentação dos casos traz à reflexão. Particularmente dois casos (c. 19 e 20), mais longamente desenvolvidos, mostram uma profundidade de análise que fica longe de qualquer ingenuidade proselitista. Particularmente o c. 19 traz pistas preciosas para o desenvolvimento de uma espiritualidade e teologia da missão junto aos refugiados e povos da diáspora atual, na convicção de que o trabalho missionário e a reflexão missiológica devem compreender a “missão redentora de Deus” entre os povos vivendo fora de seu lugar de origem, pela conformação à encarnação e crucifixão de Cristo, como antídoto ao que chama de “complexo de Babel”, ou a tendência centrípeta da sociedade (e igrejas atuais) para o etnocentrismo e a acomodação. Também é muito rica a exposição do modo como as igrejas, na pequena localidade de Willmar, em Minnesota (EUA), vêm desenvolvendo seu relacionamento com comunidades étnicas aí instaladas desde o final dos anos 1980: hispano-americanos; refugiados de Burna e, principalmente, a comunidade muçulmana oriunda da Somália.

Num balanço geral, este livro traz uma primeira, e extremamente rica, formalização do que poderia ser um quadro de estudos missiológicos (e teológicos cristãos) sobre grupos humanos envolvidos na mobilidade humana atual. Mais do que isso, aponta para uma questão de fundo que merece mais aprofundamento e discernimento: a tarefa de refletir sobre a missão e o diálogo ecumênico e inter-religioso na mobilidade humana atual. Trata-se de um mundo que não só produz uma mobilidade e circularidade crescentes, mas que também, e decorrente de sua própria dinâmica, dispersa, fragmenta e cruza uma multiplicidade de referências identitárias, culturais e religiosas. No mundo da mobilidade humana atual os referenciais de origem e destino são insuficientes para entender a condição existencial dos grupos em mobilidade. Por isso, o uso crescente da terminologia “diáspora” busca justamente proporcionar uma compreensão mais completa e menos rígida de sua realidade existencial (e religiosa) e, desta forma, ensejar novas práticas

missionárias no quadro de um “hibridismo cultural e religioso”. O grande salto seria poder entender isso numa reflexão rigorosa e multidisciplinar, sob uma ótica confessional, teológica e missiológica. Enfim, como se demonstra na reflexão seminal do capítulo 19 do livro, o desafio é repensar a experiência missionária cristã a partir da *kenosis* de Jesus, como despojamento institucional e doutrinal, sabendo identificá-la na condição social dos povos atuais em diáspora.

Sidnei Marco Dornelas

Comissão Episcopal para a Missão Continental
e Setor Pastoral da Mobilidade Humana – CNBB.